

# EDITORIAL

*Novos Cadernos NAEA* vem a público, com 14 artigos que trazem resultados de pesquisas realizadas em várias regiões do Brasil e em Moçambique.

No correr de 2017 presenciamos manifestações políticas em todas as regiões brasileiras, de grandes a pequenas cidades. A insatisfação pela situação do país se espalha, aumentando os questionamentos, mas também intensificando o debate. Crise sobre a ética e a política, a economia, o trabalho, o acesso à terra e aos territórios, incluindo os territórios étnicos. Talvez jamais tenhamos nos defrontado com igual quadro de crise institucional, de insegurança jurídica, legislativa e no plano das ações de governo. Para o cidadão, a sensação é de se estar à deriva. Um confronto que se dá na sociedade, com suas divisões internas atravessadas pela desigualdade de classe, pelos privilégios de grupos que amordaçam e privatizam os recursos de todos, via Estado, pelas escolhas políticas contra coletivos, mas sobretudo, crise moral que disfarça a realidade por meio de discursos eloquentes que se espalham nos canais midiáticos. Uma sociedade fracionada, dividida, com mundos que não se tocam, e portanto, partes de um mesmo conjunto, a sociedade brasileira.

Lançamos um novo exemplar da *Revista Novos Cadernos NAEA*, mas não passamos ao largo das dificuldades que dizem respeito à redução de financiamento da educação nacional, ao fechamento de instituições de ensino e pesquisa, ao desmonte de programas de Ciência, Tecnologia e Inovação, do empobrecimento das Unidades de Pesquisa do MCTI, fundamentais para fomentar a pesquisa, estimular novos processos criativos e elevar o nível de qualidade, de internacionalização na produção de ciência e tecnologia no país.

Este volume traz ao público dois artigos que se voltam ao entendimento das relações econômicas e do papel do mercado, embora com foco em temas bem diversos. Interessados em entender os processos de crescimento econômico e de industrialização, Lourenço e Cardoso analisam as exportações do bloco BRIC e comparam o desempenho do Brasil, da China, da Índia e da Rússia, visando compreender melhor o papel dos padrões de especialização de seu desempenho. Na perspectiva dos arranjos socioprodutivos e da gestão urbana, denominadas feiras livres, Grimm, Sampaio e Procopick observam as práticas de transformação social na cidade de Curitiba a partir da ecossocioeconomia. Mostram como pequenos negócios ganham visibilidade frente à economia de mercado, colocando em relevo a análise sobre as estratégias coletivas de geração de renda e de inclusão social.

Na intercessão do urbano, o artigo *Um “skyline” em mutação* expõe resultados de pesquisa sobre as transformações urbanas no velho centro de Belém. Trindade Júnior descreve os processos de requalificação de áreas centrais nas cidades brasileiras e que seriam semelhantes às repercussões socioespaciais verificadas em outros países que vivenciaram processos de gentrificação. Em outra perspectiva que pensa as formas de viver e habitar, mas relacionadas ao modos de vida rural, a análise no trabalho de Brandão, Dalt e Souza - *Comunidades quilombolas e o Programa Nacional de Habitação Rural* – é direcionada ao acesso desses grupos à política habitacional, particularmente, à moradia, à construção das unidades habitacionais e aos impasses na sua execução. As relações entre espaços urbanos e rurais, e transversalidade étnica, é tratado no artigo *Saberes e práticas tradicionais em movimento*, que

analisa interfaces de uma comunidade quilombola localizada na zona rural de São Luis. O artigo de Shiraishi Neto, Lima e Alcobaça cartografa a expansão urbana e sua relação com o Programa Minha Casa Minha Vida, e a reorganização das maneiras de viver.

Desenvolvimento é tema de vários trabalhos aqui publicados. Na interpretação da democracia participativa/deliberativa, Oliveira e Silveira observam a valorização da participação dos cidadãos, seu empoderamento político e as tomadas de decisão no desenvolvimento das regiões, concentrando observação no processo de votação da Consulta Popular (CP) em Ijuí, Rio Grande do Sul. Desenvolvimento regional e agriculturas familiares estão presentes na artigo sobre território e trabalho de Nogueira, Costa e Adami. Os autores aprofundam as bases da teoria de trajetórias tecnológicas rurais para a Amazônia, demonstrando a especificidade da economia camponesa. Esta análise geoeconômica com base em trajetórias camponesas é resultado de pesquisa no município de Mocajuba, no Pará. Ainda na linha da análise sobre as formas de reprodução social na agricultura familiar, porém em outra fronteira, também do Rio Grande do Sul, Troian e Breitenbach destacam a importância da agricultura familiar nas duas últimas décadas, reconhecendo a relevância do debate sobre sua heterogeneidade.

Dois artigos tratam de megaprojetos de investimento. Um estudo sobre mineração em Moçambique e outro sobre hidrelétricas no Brasil. Na análise sobre o trabalho de pescadores artesanais da Ponta do Abunã, o texto de Silva e Paula mostra as tensões decorrentes da construção da hidrelétrica de Jirau, estado de Rondônia. Igualmente, Eusébio e Magalhães revelam os efeitos da mineração em Moçambique a partir de uma perspectiva crítica, associando questão fundiária, direitos territoriais e discursos de desenvolvimento. Nesta edição, contempla-se os leitores com quatro artigos sobre problemas ambientais. Quintela, Toledo e Vieira apresentam uma análise da sustentabilidade de 16 municípios que compõem a mesorregião do Marajó, utilizando o Barômetro da Sustentabilidade (BS) como ferramenta de análise. Diante do atual cenário ambiental mundial, Barbosa e Aguiar discutem algumas estratégias que vêm sendo postas como recursos úteis aos novos modelos de conservação necessários ante os desafios do século XXI. A ilha do Marajó, lócus da pesquisa, mostra desequilíbrio em relação ao nível de sustentabilidade dos municípios, políticas públicas e modelos de gestão municipal. Nascimento, Moura e Teisserenc, no artigo *Para além do sucesso técnico*, refletem sobre a relação entre a técnica e os modos de vida das comunidades rurais que vivem na Reserva Mamirauá, no Oeste do estado do Amazonas, mais especificamente a constituição de uma rede sociotécnica para desenvolver práticas de uso da água para o consumo em pequenos povoados na floresta alagada amazônica.

Rezende, Fraxe e Costa no estudo sobre a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Igapó-Açu, no Amazonas, procuram compreender as organizações sociais, seus desdobramentos territoriais e os processos de ordenamento territorial.

Esta edição traz ainda duas resenhas. A primeira é sobre o livro de José Vicente Tavares dos Santos intitulado *Violências e conflitualidades*, publicado em Porto Alegre, em 2009, elaborada por Maria Goreti da Rocha. A segunda, de Brenda Castro, do festejado clássico da literatura brasileira das ciências sociais, Caio Prado Júnior, *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*.

Edna Castro  
Editora de NCNAEA